



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

DENNIS BARROS PALMEIRA

MECANISMOS DE PREVENÇÃO À VIOLENCIA NAS ESCOLAS

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

DENNIS BARROS PALMEIRA

MECANISMOS DE PREVENÇÃO À VIOLENCIA NAS ESCOLAS

Trabalho de Conclusão de Curso — *Artigo Científico*,
apresentado à Coordenação do Curso de graduação em
Direito do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do grau de
Bacharel.

Professor (a) Orientador (a): Prof. Esp. José Boaventura
Filho.

DENNIS BARROS PALMEIRA

MECANISMOS DE PREVENÇÃO À VIOLENCIA NAS ESCOLAS

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de DENNIS BARROS PALMEIRA.

Data da Apresentação: 11/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____
Orientador (a): PROF. ESP. JOSÉ BOAVENTURA FILHO/ UNILEÃO

Assinatura: _____
Membro: PROF. ME. FRANCISCO THIAGO DA SILVA MENDES/ UNILEÃO

Assinatura: _____
Membro: PROF DR. LUIS ANDRÉ BEZERRA DE ARAÚJO/ UNILEÃO

MECANISMOS DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Dennis Barros Palmeira¹
Jose Boaventura²

RESUMO

Levando em consideração o atual cenário sobre a violência nas escolas, este estudo tem por motivação solucionar problemas do referido tema, a educação e conscientização: é essencial fornecer educação e conscientização sobre os efeitos negativos da violência nas escolas. Isso pode incluir programas de educação emocional, resolução de conflitos e habilidades sociais para os alunos, pais e professores. Pesquisa-se sobre mecanismos de prevenção a violência nas escolas, a fim de analisar os mecanismos de prevenção à violência nas escolas. Para tanto é necessário apresentar as principais causas da violência nas escolas, como o bullying, o uso de drogas e a falta de diálogo e respeito entre os membros da comunidade escolar. Propor estratégias e medidas preventivas para evitar a violência nas escolas, como a promoção de um ambiente escolar saudável e acolhedor, a capacitação dos professores e a criação de programas de conscientização para os estudantes e descrever as soluções importantes para a prevenção à violência nas escolas, uma das formas mais eficazes de solucioná-lo é criando sistemas e mecanismos de prevenção, proporcionando um ambiente escolar saudável e acolhedor.

Palavras-Chave: Violência. Escola. Solução.

ABSTRACT

Considering the scenario of violence in schools, this study is motivated by solving problems related to this issue, the education and awareness: it is essential to provide education and awareness about the negative effects of violence in schools. This can include emotional education, conflict resolution and social abilities programs for students, parents and teachers. Researchs of mechanisms for preventing violence in schools is being done in order to analyze the characteristics of these mechanisms. To do this, it is necessary to present the main causes of violence in schools, such as bullying, drug use and the lack of dialogue and respect between members of the school community, and to propose strategies and preventive measures to avoid violence in schools, for example: promoting a healthy and welcoming school environment, training teachers, creating awareness programs for students and describing the important solutions for preventing violence in schools. One of the most effective ways to solve it is by creating prevention systems and mechanisms, providing a healthy and welcoming school environment. Data will then be collected.

Keywords: Violence. School. Solutions

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Direito do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. E-mail: dennys.mauriti@hotmail.com

² Professor Orientador. E-mail: boaventurafilho@leaosampaio.edu.br

A prevenção da violência nas instituições de ensino é uma questão que requer a atenção e o cuidado de todos os envolvidos. É crucial que os profissionais da educação estejam vigilantes aos indícios de violência e bullying entre os estudantes, e que as autoridades pertinentes colaborem para proporcionar um ambiente seguro e saudável para os discentes. Ademais, é imprescindível que os pais ou responsáveis também participem ativamente nesse combate à violência, dialogando com seus filhos e instruindo-os a respeitar o próximo.

Coletivamente, é possível estabelecer um ambiente escolar mais pacífico e harmonioso, onde a educação e o respeito sejam os valores primordiais. O presente estudo tem como objetivo principal identificar e apresentar as causas predominantes da violência nas escolas, como o bullying, o consumo de drogas e a falta de diálogo e respeito entre os membros da comunidade escolar. Um levantamento global realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) posiciona o Brasil entre os países com os índices mais elevados de agressões contra professores, uma situação que se manteve estável nos últimos anos.

Um estudo divulgado em 2019 indicou que as escolas brasileiras são mais propensas ao bullying e à intimidação do que a média internacional. Foram entrevistados 250 mil professores e líderes escolares de 48 países ou regiões. Além disso, semanalmente, 10% das escolas brasileiras pesquisadas registram episódios de intimidação ou abuso verbal contra educadores. Em 2017, um estudo similar da OCDE revelou que 12,5% dos professores entrevistados no Brasil afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana. Esse foi o índice mais alto entre os 34 países pesquisados, cuja média é de 3,4%.

Freud, em suas diversas etapas de pensamento, apresenta várias interpretações sobre a violência. Inicialmente, associa a violência à agressividade instintiva do ser humano, que o inclina a matar e a fazer sofrer seus semelhantes. Posteriormente, a define como um instrumento para arbitrar conflitos de interesse, sendo, portanto, um princípio geral da ação humana diante de situações competitivas. Em uma terceira posição, avança para a ideia de construção de “identidade de interesses”, que daria origem a vínculos emocionais entre os membros de uma comunidade humana.

Os conflitos de interesses seriam mediados nas sociedades modernas pelo direito e pela lei, e a comunidade de interesses, pela identidade e busca do bem coletivo. Charlot (2002) e Debarbieux (2002) são autores de destaque, com conceituações relevantes para a área. Para o primeiro, a violência escolar é categorizada em três diferentes níveis: violência na escola,

violência contra a escola e violência da escola. A violência na escola é aquela que se caracteriza por diversas manifestações que ocorrem no cotidiano da escolar.

A violência contra a escola compreende atos de vandalismo, incêndios, roubos ou furtos do patrimônio. E a violência da escola consiste em todas as práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros, como, por exemplo, o despreparo profissional, a falta de estímulos, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos e estereótipos, o abuso de poder, entre outros.

O presente estudo tem como propósito conduzir uma pesquisa de caráter básico, que visa gerar conhecimentos e aprimorar teorias científicas já estabelecidas. O objetivo central é realizar um levantamento bibliográfico sobre a prevenção da violência escolar. Para isso, será realizada uma revisão sistemática em periódicos nacionais e internacionais, sem restrição temporal, a partir de artigos indexados em bases de dados multidisciplinares. A fim de atingir os objetivos propostos e proporcionar uma melhor apreciação deste trabalho, optou-se pela utilização de uma abordagem qualitativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA SOCIEDADE

A violência, um fenômeno complexo que permeia a sociedade contemporânea, assume diversas formas e manifestações. Este estudo tem como objetivo lançar um olhar crítico sobre a violência e suas múltiplas facetas na sociedade. A análise se inicia pela identificação das principais manifestações da violência, abrangendo aspectos físicos, psicológicos, sociais e culturais. Posteriormente, explora-se as causas subjacentes desse fenômeno, incluindo fatores individuais, estruturais e históricos. É sabido que a violência não é uma característica exclusiva do ser humano contemporâneo; ela tem sido uma presença constante ao longo da história da humanidade.

Conforme Odália (1985, p. 14), é imperativo reconhecer que uma das condições fundamentais para a sobrevivência do homem em um ambiente hostil foi, de fato, sua habilidade de empregar violência em uma escala não observada em outros animais. A partir dessa reflexão, conclui-se que, ao longo da história, a propensão à agressividade é intrínseca ao ser humano,

sendo uma busca por satisfazer suas necessidades fundamentais e sobreviver em uma sociedade desafiadora. Diferentemente dos animais, que expressam seus instintos somente diante de ameaças diretas a seus interesses vitais, o homem exhibe impulsos agressivos em confrontos destrutivos com outros indivíduos da mesma espécie, mesmo quando existem alternativas mais pacíficas para a resolução dos conflitos.

Optar pelo uso da violência como meio para solucionar desentendimentos pessoais significa, por parte dos seres humanos, renunciar ao uso do diálogo, que é a ferramenta distintiva que os separa dos demais animais. Contudo, o texto aborda a presença histórica e intrínseca da violência na natureza humana, mas enfatiza a importância de compreender as razões que desencadeiam ações violentas. Em vez de realizar uma análise detalhada da história da violência, o foco é direcionado para a violência como um fenômeno distintivo da era contemporânea.

O texto aponta a necessidade de examinar vários tipos de violência, incluindo a violência original, a violência institucionalizada, a violência doméstica e a violência familiar, que se manifestam tanto fisicamente quanto psicologicamente. Este enfoque busca promover uma compreensão mais profunda da violência e de suas diversas manifestações na sociedade atual. Dessa forma, a escola desempenha o papel de socializar o indivíduo de maneira repressiva e coercitiva, suprimindo determinadas ideias e comportamentos, tornando-se assim uma instituição marcada pela violência. A violência institucional nas escolas se manifesta em duas formas fundamentais: a violência disciplinar e a cultural (simbólica).

De acordo com Viana (2002, p. 120-121), a violência disciplinar visa preparar o indivíduo para atuar em outras instituições disciplinares, utilizando métodos como vigilância hierárquica, sanção normatizadora e exame. Esses meios são considerados essenciais para manter a ordem, a hierarquia e o cumprimento das regras. Quanto à violência cultural ou simbólica, para Bourdieu ele menciona que a violência simbólica prescinde da coação física e pode produzir danos morais e psicológicos, assim mais grave que uma violência física. É fundamental, inicialmente, levar em conta que, conforme Araújo (2002, p. 19), “o ser humano não se forma isoladamente, sem a interação social que o integra no universo da cultura”.

Nesse contexto, considerando que o ser humano vive em sociedade e, por meio dessa convivência, adquire uma bagagem cultural, torna-se possível entender que a violência cultural ocorre em uma dinâmica na qual um grupo impõe a outro suas ideias e valores culturais. Nessa mesma linha de argumentação, Moreira (2008, p. 301) sustenta que “a agressão simbólica é aquela imposta pela sociedade dominante, levando o indivíduo menos favorecido a aceitar a dominação como algo natural”.

Destaca-se que o ser humano, como um ser social, adquire cultura através da interação com a sociedade. Isso implica que a violência cultural ocorre quando um grupo impõe suas ideias e valores culturais a outro. Além disso, a agressão simbólica é mencionada como uma forma de violência imposta pela sociedade dominante, levando o indivíduo menos privilegiado a aceitar a dominação como algo natural. Essas ideias ressaltam a influência da cultura e do poder na perpetuação da violência nas relações sociais.

Dentro da categorização estabelecida, atualmente, as violências doméstica e familiar são fenômenos próximos e presentes. A chamada violência cultural ou simbólica ocorre, na realidade, no ambiente doméstico e familiar. Durante o processo de socialização, as crianças são submetidas a ações por parte dos pais que impõem ordem e limites, sendo essas intervenções, embora necessárias, consideradas formas de violência ao estabelecerem padrões de comportamento. Importante ressaltar que essa imposição de valores pelas figuras adultas não é arbitrária.

De maneiras distintas, ocorrem outras formas de violência dentro do âmbito doméstico, especialmente dentro da própria estrutura familiar. Em muitos casos, essas violências são perpetradas predominantemente por homens, direcionadas a mulheres e crianças, manifestando-se de diversas maneiras: física, psicológica ou sexual.

No aspecto físico, a vítima pode sofrer desde lesões leves, como hematomas, até formas mais graves e irreversíveis, incluindo casos que levam à morte, sendo essa a manifestação mais visível quando não se busca ocultar a vítima. Em contrapartida, a violência psicológica não se restringe ao ambiente doméstico e familiar, estendendo-se a todos os segmentos sociais.

2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA PRESENTE NAS ESCOLAS

O bullying, a violência física e a simbólica são fenômenos interligados e comuns nas escolas. Ambos causam problemas psicológicos nos alunos. No entanto, muitas vezes, as escolas tentam omitir esses casos, pois admiti-los seria o mesmo que assumir que falharam em sua função. Pierre Bourdieu, em suas obras, não aborda diretamente o bullying, mas explora a violência nas relações humanas a partir do conceito de poder simbólico.

Nesse contexto, os próprios indivíduos dominados desencadeiam sua própria dominação, aceitando humilhações e limites impostos, e desenvolvendo emoções corporais como vergonha, ansiedade, timidez e culpa. Essa dominação é invisível, e o dominador leva o dominado a sentir emoções como desajeitamento, cólera, tremor e raiva. Esses sentimentos são

causados pelo fato de o indivíduo se submeter às vontades do dominador contra sua vontade (BOURDIEU, 2012).

Na rede estadual paulista, o Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp) divulga frequentemente estudos sobre o ambiente escolar. Entre as formas de violência mais comuns contra professores estão a agressão verbal (48%), assédio moral (20%), bullying (16%), discriminação (15%), furto/roubo (8%), agressão física (5%) e roubo ou assalto à mão armada (2%). Quanto aos alunos, 37% relataram ter sido vítimas de agressão. Em 2017, foram 39% e, em 2014, 28%. De fato, a presença de violência nas escolas pode ter impactos profundos e negativos tanto no ambiente educacional quanto no desenvolvimento dos alunos.

O fenômeno do bullying, que engloba as formas de violência física e simbólica, é prevalente nas escolas e tem sérias implicações psicológicas para os alunos. Muitas vezes, as escolas relutam em reconhecer esses casos, pois admiti-los pode ser interpretado como um fracasso em cumprir seu papel educacional. A violência simbólica é a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir.

A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento. A violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno (ABRAMOVAY; RUA, 2002).

2.3 VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A violência é um tópico amplo e abrangente, que não pode ser abordado a partir de uma única origem, pois suas diversas formas podem estar vinculadas a várias razões. Diante de um cenário cotidiano de violência, sua manifestação no ambiente escolar gera debates, tanto no âmbito familiar quanto comunitário. A escola não é a única encarregada de resolver o problema; toda a sociedade, incluindo as autoridades responsáveis, desempenha um papel crucial. Assim, diversos especialistas têm explorado esse tema com o objetivo de compreender suas causas de maneira abrangente, em vez de abordá-lo de forma fragmentada.

De fato, o tema da violência é complexo e amplo, abrangendo várias causas. As diferentes formas de violência podem estar relacionadas a diversos motivos. Quando se trata da violência no ambiente escolar, é importante entender que a escola não é a única responsável por solucionar o problema, pois a responsabilidade é compartilhada por toda a sociedade, incluindo autoridades. Portanto, especialistas têm se dedicado a abordar o tema de maneira holística, visando compreender suas causas de forma abrangente e não fragmentada. Conforme Bourdieu (1989), a maneira como se estruturam as relações hierárquicas no sistema educacional evidencia uma violência que ele denominou de violência simbólica.

Em vários estudos, faz-se referência à violência simbólica, na perspectiva de Bourdieu (1989), como a principal violência promovida pela escola. Esse conceito foi proposto com base em uma visão da sociedade como um campo de dominação e de reprodução dissimulada das desigualdades sociais nas instituições, o que contraria a ideia de igualdade de oportunidades vinculada à ideologia liberal.

Esse questionamento, transportado para a área educacional, evidencia a ausência de democratização dos sistemas educacionais das sociedades capitalistas. Nas instituições escolares, são maiores as chances de sucesso dos alunos das classes socioeconômicas mais altas, já que pertencem a um meio familiar provido de bagagens culturais e linguísticas dominantes que constituem a base sobre a qual se estruturam os sistemas educacionais.

Assim, as propostas curriculares, as estratégias pedagógicas, as práticas linguísticas, as relações hierárquicas e outros compõem um cotidiano escolar que evidencia uma violência simbólica em vários níveis, dos quais destacamos a que se exerce sobre os alunos de classes populares, pouco adaptados a uma escola não construída para eles.

De acordo com Dudeque (2006), o ensino proposto pelo sistema educacional brasileiro é ineficiente e antidemocrático, de forma a discriminar e a excluir uma grande parcela da população. Com isso, a violência simbólica é utilizada como forma de dominação, inclusive pelos professores, posto que os símbolos são instrumentos estruturados e estruturantes de conhecimento. Mas também os professores estão sujeitos a essa violência, ao terem que cumprir prazos, programas, preencher formulários, cadernetas etc., ou seja, atender às determinações vindas de cima, sem que tenham participação na sua elaboração.

Assim, nas nossas instituições escolares, percebe-se o professor com um duplo papel: de um lado, como representante do poder, exerce o papel de dominador; de outro, o papel de dominado, submetendo-se a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidos, em que os aspectos organizacionais administrativos se sobrepõem à pedagogia.

Bourdieu concebe o campo do poder como um campo de forças definido, em sua estrutura, pelo estado de relação de forças entre diferentes formas de poder ou espécies de capital. Esse espaço é onde ocorrem as lutas pelo poder, envolvendo detentores de diferentes poderes. É um espaço de jogo onde agentes e instituições, ao possuírem uma quantidade de capital específico (principalmente econômico ou cultural) suficiente para ocupar posições dominantes dentro de seus respectivos campos, confrontam-se em estratégias destinadas a preservar ou transformar essa relação de forças (BOURDIEU, 1989). Viana (2002) estabelece a premissa de que a compreensão da violência requer o entendimento de suas origens.

No contexto educacional, torna-se essencial realizar uma análise atualizada para auxiliar o corpo administrativo das escolas e, de maneira mais ampla, a sociedade na identificação dos problemas relacionados à violência, bem como na avaliação da viabilidade de soluções potenciais. A mídia desempenha um papel influente na reprodução de comportamentos violentos por crianças e adolescentes, especialmente quando apresenta cenas de criminalidade, muitas vezes de maneira sensacionalista, distorcendo a realidade, seja em programas de televisão, incluindo novelas, ou em jogos de vídeo-game com conteúdo violento.

Isso sugere que os meios de comunicação têm contribuído para normalizar a percepção da violência. Seguindo a perspectiva apresentada por Mangini (2008, p. 106), destaca-se que privações substanciais têm o potencial de reduzir a habilidade de controlar impulsos pessoais, os quais podem se expressar de maneira desinibida, prejudicando as interações sociais, ou, alternativamente, sendo reprimidos por um superego rigoroso. Dessa forma, no contexto escolar, é possível identificar estudantes que desvalorizam a vida e a ordem, engajando-se em comportamentos violentos e atos de vandalismo.

É importante ressaltar que a privação pode abranger todas as dimensões da existência humana. Para ilustrar, é possível considerar a situação de uma criança que, lamentavelmente, pode ser privada não apenas de afeto, mas também dos recursos necessários para seu pleno desenvolvimento. Crianças que enfrentam a carência de afeto muitas vezes crescem sem o apoio de uma família e sem referências sólidas que possam servir como guia, transmitindo valores éticos e morais, o que é crucial para a compreensão da realidade.

Na ausência de um ambiente familiar e doméstico estável, a sensação de segurança é comprometida, levando o indivíduo a procurar essa segurança em outros lugares, como na escola, no envolvimento com substâncias tóxicas e em diferentes caminhos, muitas vezes menos saudáveis. Esse quadro ilustra a importância de se abordar as privações em todas as esferas da vida, particularmente no que se refere ao bem-estar das crianças e ao papel fundamental da família na sua formação.

A ausência de afeto vivenciada por algumas crianças tem impactos negativos na formação de sua personalidade e caráter. Conforme destacado por Silva (2004), elementos como a carência afetiva, a ausência de cidadania e a falta de modelos positivos podem ser determinantes para o envolvimento de crianças e adolescentes em atos violentos, podendo eventualmente conduzi-los à criminalidade.

A falta de afeto pode levar as crianças a recorrerem à violência como um meio de buscar atenção e suprir essa carência emocional. A ausência de afeto e a perda de valores na formação das crianças estão intimamente relacionadas à crescente falta de presença dos pais em suas vidas. Esta ausência é frequentemente motivada pela busca pela subsistência da família, o que resulta no hábito de deixar os filhos sob os cuidados de irmãos mais velhos ou uma empregada doméstica, encurtando consideravelmente o tempo de interação entre pais e filhos.

As transformações nas dinâmicas familiares trazem consigo diversas implicações significativas. O abandono pode ser resultado tanto da necessidade imperiosa dos pais em prover o sustento da família quanto de uma falta de preparação por parte deles na educação e cuidado das crianças. Adicionalmente, tal situação também pode decorrer da inversão de valores com relação ao papel da escola na formação das crianças, que passa a ser vista como uma entidade mais influente do que o próprio núcleo familiar.

Essas mudanças demandam uma análise atenta e crítica da sociedade, no intuito de compreender e mitigar os impactos negativos que podem surgir dessas transformações nas relações familiares e na educação das novas gerações. Conforme o jornal *Metrópole*, 48% dos alunos já sofreram violência na escola, quase metade dos alunos da rede estadual de ensino de São Paulo afirma que já sofreu algum tipo de violência na escola. Os dados constam de pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva em parceria com o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. Entre os professores, 19% dizem já ter sofrido violência na escola. Entre os alunos, o índice é de 48%.

Além disso, de acordo com o levantamento, o bullying é a principal forma de violência nos colégios: 33% dos alunos dizem que já foram vítimas. Na periferia, o percentual é ainda maior, 39%. Agressão verbal vem em segundo lugar, tendo atingido 24% dos alunos; 14% dizem já ter sofrido discriminação; e 12%, agressão física. Para Bourdieu e Passeron (1970), a maior violência é a simbólica, e a escola precisa ter consciência disso. Para os autores, a escola não promove a igualdade de oportunidades, ela não é neutra, pois atende à cultura da classe dominante.

Chamamos de violência simbólica essa imposição da cultura dominante, esse tipo de ensino favorece os alunos pertencentes às classes dominantes e prejudica os de classe popular

por não terem o mesmo capital cultural. Identifica-se, para os autores, que a escola não percebe essa violência que pratica, assim, tenta adequar-se a esse sistema que defende seus interesses próprios, impondo práticas que vão reforçar essas desigualdades sociais. No entanto, a violência ocorre nos tratamentos diferenciados a determinados alunos, assim como, não levando em conta as variadas formas dos alunos aprenderem e compreenderem.

2.4 OPÇÕES PARA REDUZIR A VIOLENCIA NAS ESCOLAS

Segundo Medeiros (2006), o debate sobre a violência nas escolas no Brasil iniciou-se na década de 1980. Apesar da crescente preocupação com a ocorrência de violência no ambiente escolar, os estudos sobre o tema eram realizados de maneira limitada, abrangendo apenas algumas regiões do país. Uma pesquisa conduzida pela Unesco revelou que esses estudos contemplavam somente 14 capitais brasileiras. Os resultados dessa pesquisa destacaram a presença não apenas da violência física, que envolve agressões a pessoas e ao patrimônio, mas também da violência simbólica, caracterizada pela violação dos direitos e abuso de autoridade, além da incivilidade, que inclui humilhação, agressões verbais e falta de respeito.

Ao buscar soluções para os atos de violência atualmente observados nas escolas, é fundamental considerar que o aluno envolvido em comportamentos agressivos não deve ser simplificado como a única fonte do problema. É primordial compreender as experiências vividas por esse aluno e empreender esforços para identificar as causas subjacentes da violência manifestada em suas atitudes. Como mencionado anteriormente, são numerosos os problemas familiares, incluindo o abandono e a negligência parental, além das carências afetivas e sociais, que desencadeiam episódios de violência nas escolas.

Conforme Milca Severino (citada por LONGO, O Popular, 2008, p. 5), a violência nas escolas é considerada uma mera consequência. Os conflitos têm origem na sociedade, sujeita a mudanças constantes, e seus impactos reverberam nas instituições educacionais, uma vez que os indivíduos não adotam comportamentos violentos por mera escolha pessoal. O modelo de sociedade capitalista, intrinsecamente violento, contribui para isso, gerando desigualdades marcantes e explorando a mão-de-obra de forma desfavorável aos ricos empresários, banqueiros e industriais.

No entanto, embora diversas medidas tenham sido debatidas e adotadas para resolver o problema da violência nas escolas, é evidente que ainda não existem medidas preventivas eficazes, uma vez que os resultados nem sempre são positivos. Algumas estratégias, como o investimento em segurança por meio de vigias e câmeras, são consideradas por alguns

intelectuais como agravantes do problema. Por outro lado, a proposta de parceria com a comunidade tem demonstrado ser mais promissora em termos de resultados.

Um exemplo disso é apresentado por Araújo (2002, p. 55), que relata o caso da Escola Estadual José do Prado, localizada na região do ABC paulista. Nessa escola, a diretora conseguiu controlar a violência por meio de um pacto estabelecido com grupos envolvidos, que optaram por preservar a escola e manter a ordem. Esse caso ilustra a importância da comunicação e do diálogo na busca de soluções civilizadas para o problema da violência nas escolas.

Investir na mobilização da comunidade como uma ponte entre os contextos escolar e não escolar é uma tendência cada vez mais notável. Segundo Silva (2004), a UNESCO apoia a ideia de envolver a comunidade no contexto escolar, como exemplificado pelos casos do Rio de Janeiro e Pernambuco, onde foi implementado um programa-piloto. Nos fins de semana, as escolas públicas permaneciam abertas para atividades esportivas, recreativas e pedagógicas. Os resultados demonstraram uma redução de até 60% na criminalidade.

A avaliação da UNESCO indicou que esse programa contribuiu para diminuir os danos às instituições, aumentar a participação das famílias nas escolas e aprimorar o relacionamento entre alunos e professores. No âmbito local, como medida de combate à violência e ao uso de drogas nas escolas, o Batalhão Escolar implementa o programa PROERD (Programa Educacional de Resistência à Violência e às Drogas). Esse programa aborda temas como autoestima, amor ao próximo e prevenção ao uso de substâncias ilícitas em um curso composto por dez lições.

Ao final do curso, os alunos recebem um certificado de participação durante cerimônias formais. Essa abordagem preventiva foi modelada com base em iniciativas que demonstraram resultados positivos em outros 60 países, conforme relatado por LONGO no jornal O Popular (2008, p. 5). A colaboração da comunidade deve ser direcionada principalmente às famílias, incentivando-as a se envolverem ativamente no desenvolvimento de seus filhos. A parceria entre escola, comunidade e família proporcionaria um espaço propício para discussões e sugestões de estratégias, contribuindo assim para a redução da violência no ambiente escolar.

Em favor da promoção da paz, políticas governamentais que proíbam a presença de armas e drogas nas escolas são de importância crucial. Como uma iniciativa para mitigar a violência nas instituições de ensino, a Secretaria Estadual de Educação de Goiás implementa o Programa Cidadania e Paz na Escola. Desde 2006, a bandeira da paz tem sido difundida nas diversas unidades escolares distribuídas pelos 246 municípios do estado, conforme relatado por LONGO no jornal O Popular (2008, p. 5).

Destaca-se a necessidade de políticas educacionais que abordem não apenas os problemas existentes no ambiente escolar, mas também se concentrem na formação de professores capacitados para lidar com essas questões. Ressalta-se a importância de os educadores identificarem e analisarem comportamentos agressivos dos alunos, além de promoverem abordagens lúdicas, inovadoras e coletivas.

O professor bem preparado é destacado como capaz de implementar com sucesso ações que conscientizem os alunos sobre a importância do respeito e cooperação, estimulando a participação e interação em prol da coletividade. Essas considerações destacam a relevância de uma abordagem pedagógica proativa na promoção de um ambiente escolar saudável e colaborativo. No entanto, a escola não é constituída exclusivamente por professores e alunos. A instituição em sua totalidade deve estar apta a impulsionar iniciativas multidisciplinares e extracurriculares, como a prática de esportes, atividades culturais e de lazer, aliadas a ações comunitárias solidárias.

Isso visa promover uma interação mais ampla da escola com a sociedade. É crucial implementar nas escolas ações que promovam a solidariedade e a valorização de princípios, tais como cidadania, tolerância e respeito mútuo. Embora a violência nas escolas não seja originada por elas, é no ambiente escolar que ela assume grandes proporções e se intensifica. Propõe-se que toda a equipe escolar adote o diálogo como uma ferramenta crucial no combate à violência. A discussão de assuntos conflitantes dentro da escola é equiparada em importância ao planejamento de programas escolares e aulas.

A promoção da troca de experiências entre os responsáveis pelo processo de formação do indivíduo é apontada como uma maneira de valorizar o trabalho em equipe, em contraposição às abordagens fragmentadas que, frequentemente, não geram efeitos positivos. Este enfoque sugere uma abordagem colaborativa para enfrentar os desafios relacionados à violência escolar. Outro ponto essencial para a comunidade escolar é a disponibilidade de profissionais especializados, como psicólogos e assistentes sociais.

Esses especialistas desempenhariam um papel crucial na organização de reuniões e debates destinados a conscientizar sobre o papel da família, os impactos das drogas, suas manifestações e métodos para identificar sua presença no ambiente familiar. Viana (2002) destaca a necessidade de superar as percepções negativas acerca da relação entre escola e violência. Ele enfatiza a importância de apresentar um projeto alternativo que envolva tanto a escola quanto a sociedade.

Nessa perspectiva, a proposta seria que a instituição, em vez de reprimir os comportamentos agressivos dos alunos, buscasse promover a auto-organização deles,

estimulando uma contestação à cultura dominante e apontando para possíveis mudanças. As iniciativas voltadas para a transformação tanto do aluno quanto da própria instituição devem estar conectadas às lutas que ocorrem fora da escola, em prol da transformação social.

Diante de diversas opções, é crucial não negligenciar, principalmente, a abordagem do fenômeno da violência dentro das escolas, promovendo discussões de forma aberta e proporcionando a participação de todos. A violência não deve ser encarada como algo distante ou mitificado, mas sim como uma realidade presente na sociedade à qual todos estão suscetíveis.

No ambiente escolar, a conscientização sobre as graves consequências que afetam o aluno em todos os aspectos ganha ainda mais relevância, visando a implementação de intervenções apropriadas em seu desenvolvimento. Além disso, o investimento em medidas de segurança física, como câmeras de vigilância e controle de acesso, e o estabelecimento de programas de mediação de conflitos, envolvendo alunos treinados para ajudar na resolução de disputas, são estratégias importantes para combater a violência escolar.

3 METODOLOGIA

Neste estudo, serão abordados todos os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo-se os procedimentos necessários para analisar os mecanismos de prevenção à violência nas escolas. Para alcançar os objetivos propostos e proporcionar uma melhor apreciação deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para o levantamento das publicações sobre estratégias de prevenção e enfrentamento da violência escolar. As bases de dados utilizadas foram: SciELO, um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na internet, e Web of Science, uma base de dados que possibilita o acesso a artigos de periódicos de diversas áreas do conhecimento.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo, levando em consideração o cenário atual da violência nas escolas, a motivação é solucionar problemas do tema em questão, com foco na educação e conscientização. É essencial fornecer educação e conscientização sobre os efeitos negativos da violência nas escolas. Foi adotada uma abordagem qualitativa, que facilitou a realização dos objetivos propostos e a melhor apreciação do trabalho.

O objetivo específico deste estudo é propor estratégias e medidas para prevenir a violência. Segundo Silva (2004), o envolvimento da comunidade no ambiente escolar como estratégia é cada vez mais relevante. A UNESCO endossa a integração da comunidade na escola, exemplificado por programas implementados no Rio de Janeiro e Pernambuco. Nestas localidades, foi introduzido um programa-piloto que permitia a abertura das escolas públicas nos fins de semana para atividades esportivas, recreativas e pedagógicas.

Os resultados revelaram uma redução significativa, de até 60%, nos índices de criminalidade. A avaliação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura apontaram que esse programa contribuiu para a diminuição de danos às instituições escolares, houve um aumento no envolvimento das famílias nas atividades escolares e aprimorou o relacionamento entre alunos e professores.

Para os autores Bourdieu e Passeron (1970), a maior violência é a simbólica, e a escola precisa ter consciência disso. Para eles, a escola não promove a igualdade de oportunidades, ela não é neutra, pois atende à cultura da classe dominante. A violência simbólica é essa imposição da cultura dominante, esse tipo de ensino favorece os alunos pertencentes às classes dominantes e prejudica os de classe popular por não terem o mesmo capital cultural.

Segundo Viana (2002), destaca-se a necessidade de superar as percepções negativas sobre a relação entre escola e violência por meio da apresentação de um projeto alternativo que envolva tanto a escola quanto a sociedade. A proposta consistiria em incentivar a auto-organização dos alunos, em vez de reprimir seus comportamentos agressivos, visando contestar a cultura dominante e apontar para mudanças. As iniciativas voltadas para transformar tanto o aluno quanto a própria instituição devem estar alinhadas com as lutas ocorridas fora da escola em prol da transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevenção da violência nas escolas representa um desafio complexo que exige esforços coordenados de vários setores da sociedade. A implementação de mecanismos eficazes requer uma abordagem holística, que não apenas considere medidas repressivas, mas também estratégias preventivas e de promoção de um ambiente saudável. Os objetivos do estudo tendem a ser alcançados, visto que é possível investir em medidas de segurança física, como câmeras de vigilância e controle de acesso.

Além disso, a implementação de políticas rigorosas contra o bullying, assédio e comportamentos violentos é fundamental. Este estudo é de extrema importância, pois está

diretamente relacionado ao bem-estar dos alunos, impactando positivamente a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e social, e promovendo a saúde mental. A prevenção contribui para a redução do bullying e de comportamentos violentos, fomenta relações positivas, beneficia a comunidade e prepara os alunos para lidar construtivamente com conflitos na vida adulta.

Além disso, um ambiente escolar seguro é essencial para o cumprimento dos objetivos educacionais e tem implicações positivas na economia e na sociedade como um todo. Portanto, investir em estudos e práticas eficazes de prevenção da violência nas escolas é fundamental para criar ambientes educacionais saudáveis e propícios ao desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Ed.Unesco, doações institucionais.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DEBARBIEUX, Éric. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, 2001.
dfr

FREUD, Sigmund. **Por que a guerra? In: Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22, p. 241-259.

LONGO, Malu. **Violência e medo rondam as escolas**. O Popular, Goiânia, p. 5, 18 nov. 2008.

Metrópoles. SP: 48% dos alunos já sofreram violência na escola, diz pesquisa. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/sao-paulo/sp-48-dos-alunos-ja-sofreram-violencia-na-escola-diz-pesquisa>>. Acesso em: 20/10/2023.

MANGINI, Rosana C. R. **Privação afetiva e social: implicações nas escolas**. In: MEDRADO, H. (Org.) **Violência nas escolas**. Sorocaba: Editora Minelli, 2008.

MEDEIROS, Regina. **A trajetória da pesquisa: de dentro e fora das escolas**. In: MEDEIROS, R. (Org.). *A escola no singular e no plural: um estudo sobre violência e drogas nas escolas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, n. 59).

SILVA, Pedro. N. *Ética, indisciplina e violência nas escolas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIANA, Nildo. *Escola e violência*. In: VIANA, N.; VIEIRA, R. (Org.). **Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas da escola**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

G1. Brasil tem histórico de alto índice de violência escolar; veja dados sobre agressão contra professores. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/03/27/brasil-tem-historico-de-alto-indice-de-violencia-escolar-veja-dados-sobre-agressao-contr-professores.ghtml>>. Acesso em: 20/10/2023.

PARECER DE REVISÃO ORTOGRÁFICA E GRAMATICAL

Eu, **ALINE RODRIGUES FERREIRA**, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri, atesto que realizei a revisão ortográfica e gramatical do trabalho intitulado “**MECANISMOS DE PREVENÇÃO Á VIOLENCIA NAS ESCOLAS**”, de autoria de **DENNIS BARROS PALMEIRA**, sob orientação do (a) **PROF. ESP. JOSÉ BOAVENTURA FILHO/UNILEÃO**. Declaro que este TCC está em conformidade com as normas da ABNT e apto para ser submetido à avaliação da banca examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio/Unileão.

Juazeiro do Norte, 06/12/2023



Documento assinado digitalmente

ALINE RODRIGUES FERREIRA

Data: 09/12/2023 02:00:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ALINE RODRIGUES FERREIRA

**PARECER DE TRADUÇÃO DO RESUMO PARA LINGUA
INGLESA**

Eu, Artálio Barbosa Furtado, professor(a) da rede estadual do Ceará, com curso de idiomas - inglês completo, pela Instituição de Ensino Centro Cultural Schoenberg, realizei a tradução do resumo do trabalho intitulado: **Mecanismos de prevenção à violência nas escolas**, do aluno Dennis Barros Palmeira e orientador José Boaventura. Declaro que o ABSTRACT inserido neste TCC está apto à entrega e análise da banca avaliadora de Trabalho de Conclusão de Curso do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio/Unileão.

Juazeiro do Norte, 07/12/2023



Artálio Barbosa Furtado
CPF: 026.883.163-70